

Lírica e resistências em Conceição Evaristo

Lyric and resistance in Conceição Evaristo

Submetido em: 02/09/2024

Aceito em: 18/11/2024

Jefferson Silva do Rego¹

Resumo: Na poesia de Conceição Evaristo, a identidade da mulher negra é um tema recorrente. Seu lirismo instaura uma retórica de resistências, atentando-se ao dismantling dos estereótipos no imaginário brasileiro em torno dessa mulher. Desse modo, analisaremos dois poemas dessa autora publicados em antologias dos Cadernos Negros, quais sejam: "Vozes-Mulheres" e "A noite não adormece nos olhos das mulheres". Especificamente, mostraremos como Evaristo reescreve a história afro-brasileira no que diz respeito ao percurso das mulheres negras. Como suporte teórico-metodológico, além de Alfredo Bosi (2000), serão importantes as contribuições de Grada Kilomba (2019), bell hooks (1995) e Lélia Gonzalez (1984, 2020).

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Poesia negro-feminina; Patriarcado; Racismo.

Abstract: In the poetry of Conceição Evaristo, the identity of the black woman is a recurring theme. Her lyricism establishes a rhetoric of resistance, giving attention to the dismantling of stereotypes in the Brazilian imaginary around this woman. Thus, we will analyze two poems of this author published in anthologies of Cadernos Negros, which are: "Vozes-Mulheres" and "A noite não adormece nos olhos das mulheres". Specifically, we will show how Evaristo rewrites Afro-Brazilian history regarding the path of black women. As theoretical and methodological support, besides Alfredo Bosi (2000), the contributions of Grada Kilomba (2019), bell hooks (1995) and Lélia Gonzalez (1984, 2020) will be important.

Keywords: Conceição Evaristo; Black and female poetry; Patriarchy; Racism.

Introdução

Ao lermos a coletânea de poemas intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo (2017), percebemos a recorrência de alguns temas, como a diáspora africana no Brasil e os dilemas relacionados à construção da identidade da mulher negra. A dizer, em seu exercício de expressão poética, o lirismo de Evaristo trabalha explicitamente no sentido de instaurar uma retórica de resistências, dando especial atenção ao dismantling dos estereótipos no imaginário brasileiro, em torno do negro, da mulher e, mais especificamente, da mulher negra. Desse modo, abordaremos aqui dois poemas de Evaristo, quais sejam: "Vozes-Mulheres" e "A noite não adormece nos olhos das mulheres", ambos publicados em antologias dos Cadernos Negros. De modo específico, a partir da análise de tais poemas, mostraremos como Evaristo reescreve a história das mulheres negras, no contexto brasileiro. Como suporte

¹ Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: entrecas@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1331303807620759>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6715-0420>

teórico e metodológico, serão relevantes as contribuições de Alfredo Bosi (2000), Grada Kilomba (2019), bell hooks (1995) e Lélia Gonzalez (1984, 2020).

No Brasil contemporâneo, Conceição Evaristo é uma escritora que vem, progressivamente, ganhando prestígio na cena literária. Nascida em 1946, em uma favela de Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo, filha de mãe lavadeira e herdeira de uma tradição de subalternidade e trabalhos femininos domésticos, precisou mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1970, onde conseguiu ingressar no magistério público.

Segundo Anselmo P. Alós (2011), a estreia de Evaristo nas letras brasileiras foi relativamente tardia, remontando ao início dos anos 1990, quando começou a colaborar em periódicos literários. Um dos principais meios nos quais ela publica é a série Cadernos Negros, fundada pelo grupo “Quilombhoje Literatura”, coletivo de escritores fundado em 1980 com o objetivo de aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura, promovendo estudos sobre literatura e cultura negras.

Em 2003, Evaristo publica seu primeiro livro individualmente, Ponciá Vicêncio, romance que chamou a atenção da crítica, sobretudo pela maneira com a qual a autora articula a reflexão sobre questões de gênero, raça e classe social. Três anos depois, ela publica Becos da memória, um dos mais importantes romances memorialistas da literatura brasileira contemporânea, no qual a autora trata da complexidade humana ao representar aqueles que enfrentam cotidianamente o racismo, a fome e a miséria.

Cadernos Negros é uma publicação anual, de cunho coletivo, como dito, organizada pelo grupo paulista Quilombhoje Literatura. O grupo foi fundado por Luiz Silva (mais conhecido por seu nome artístico, Cuti), Mário Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros escritores, com os objetivos de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura, desenvolvendo estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e a cultura negras. Para tanto, tem promovido cursos, seminários e debates junto a instituições que se interessem pela literatura afro-brasileira.

A origem do nome da série Cadernos Negros foi explicada por Cuti, em palestra na FALE/UFMG em 04 de outubro de 2007. A princípio, Cadernos Negros seriam um espaço experimental, por isso o nome “Cadernos”. Aos poucos, este espaço foi sofrendo alterações em sua configuração inicial. O primeiro número dos Cadernos Negros surgiu em 1978, numa época em que o Brasil ainda vivia sob os domínios da ditadura civil-militar, com uma efervescência de movimentos sociais – de trabalhadores

e estudantes, principalmente. Nesse período, havia também uma fértil ebulição de novas ideias.

A série Cadernos Negros é o principal veículo, no Brasil, de produção literária referenciada na cultura e herança de matriz africana. Desde a primeira edição, cada livro provém de um processo de seleção que inclui leitores, críticos e protagonistas, isto é, escritores(as) e poetas negros(as). A viabilização econômica da coletânea tem ocorrido graças à cotização de cada um dos autores envolvidos. Os Cadernos Negros são, portanto, fruto da organização coletiva de escritores(as) e leitores(as) negros(as).

Conforme Reis & Oliveira (2021), a série Cadernos Negros tornou-se um importante veículo de divulgação de produção e crítica literária afro-brasileira. A série já teve mais de 42 volumes lançados. Trata-se de uma publicação que objetiva divulgar a escrita negra, dando visibilidade a esses escritores e escritoras, fortalecendo-os/as no campo da produção literária e rompendo com um lugar, que, por muito tempo, foi um campo exclusivo da supremacia branca e masculina.

Em suma, é nesse ambiente que nasce a série Cadernos Negros. O objetivo era permitir que os escritores negros(as) e negros(as) se vissem representados(as) pelo próprio olhar afro. Atualmente, os Cadernos Negros são referência na cultura de luta para a superação das desigualdades raciais, no âmbito cultural e literário, consistindo em um painel do percurso de décadas de produção coletiva de autores afro-brasileiros.

A poesia de autoria negro-feminina

Segundo Aline Arruda (2018), o corpo é uma marca da escrita literária de autoria feminina, pois ele é fator de diferenciação dos sexos biológicos e levante político do feminismo. Então, conforme Arruda (2018, p. 240), muitas foram as personagens da literatura brasileira que confirmaram o estereótipo do corpo negro possuidor da sexualidade, especialmente o feminino, o corpo-objeto. Diante desse quadro, Eduardo de Assis Duarte (2009) afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores (Duarte, 2009, p. 06).

Segundo Zilá Bernd (1992), a poesia de autoria negra é caracterizada pela necessidade de o eu-lírico ser o enunciador de seu próprio texto, transformando símbolos de repressão em formas de resistência da comunidade negra. Em geral, são construídas “imagens ora de uma África-mãe, espaço mítico onde se encontram as raízes, ora de uma África violada pelo branco” (Bernd, 1992, p. 271).

Conforme Gonzalez (1984), ao se discutir o racismo no Brasil, percebemos, primeiramente, uma evidente naturalização do fenômeno, como se negros “naturalmente” tivessem que viver na miséria. Quanto a essa situação, a autora afirma que o mito da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra, pois ele exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Ora, ao lado do endeusamento carnavalesco de seu corpo, há, cotidianamente, a transfiguração dessa mulher em empregada doméstica.

Gonzales (2019) refuta com veemência o mito da democracia racial no Brasil, criticando o pensamento corrente segundo o qual a africanização da cultura brasileira é um modo de regressão. Para esta autora, quem assim pensa esquece que o Brasil já está e é africanizado. E ao pensar no mito de origem elaborado por Mário de Andrade, que é o Macunaíma, Gonzales (2019) lembra que Macunaíma nasceu negro, “preto retinto e filho do medo da noite”. Depois ele branqueia como é comum ocorrer com muitos crioulos: “É por aí que dá para gente entender a ideologia do branqueamento, a lógica da dominação que visa a dominação da negrada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais” (Gonzales, 1984 p. 237).

Assim, Gonzalez (2020) mostra que o mito da democracia racial desconsidera a ausência de mulheres negras intelectuais no mundo literário. Logo, nesse cenário excludente, a produção poética de mulheres negras já surge sob o signo de resistência, ao colocar em discurso (poético) a existência e a experiência subjetivas de figuras historicamente excluídas e objetificadas. Desse modo, consoante Gonzalez (2020), ao expressarem sua subjetividade, as mulheres negras saem do papel de seres objetificados e superam a naturalização que resultou nos mitos da mãe preta, da rainha do carnaval e da empregada doméstica.

Por falar em resistência, cumpre lembrar Alfredo Bosi (2000, p. 165), para quem a poesia há muito não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Consoante Bosi (2000, p. 166), “a poesia moderna foi compelida à estranheza e ao silêncio. Pior, foi condenada a tirar só de si a substância vital. Ó indigência extrema, canto ao avesso, metalinguagem!”

Bosi (2000, p. 167) frisa ainda que toda grande poesia moderna, a partir do Pré-Romantismo, é uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes. Resistência esta que tem muitas faces, ora propõem a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, da natureza), ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão), ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário e da utopia):

Nostálgica, crítica ou tópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando. O que ela não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da vida e o divino poder de nomear. Só a revolução. (Bosi, 2000, p. 167).

Quanto à discussão sobre as relações étnico-raciais contemporâneas, cumpre lembrarmos de Grada Kilomba (2019), que é uma das referências básicas nesse assunto. Para esta autora, a literatura negra funciona como um processo de cura (da ferida colonial), o que desencadeia a valorização da comunidade negra. Em outras palavras, Kilomba (2019) investiga o passado em diálogo com o presente devido ao caráter evolutivo de opressão e persistência do racismo, haja vista que as facetas traumáticas do racismo se reatualizam, se transforma e se perpetua no seio da contemporaneidade. Ora, Kilomba (2019) lembra que o trauma nunca deixa de ser colonial e segue negligenciado pelas ciências como uma consequência da opressão racial. Ao trabalhar o conceito de racismo traumático, a partir do impacto da violência, ruptura e atemporalidade, a autora ratifica que o racismo cotidiano nos remete sempre ao período escravista com o propósito de nos colonizar novamente através de fantasias invasivas.

Conforme Kilomba (2019, p. 156), em certas interações verbais, quando a palavra “negro(a)” é proferida, a pessoa que o faz não se refere somente à cor de pele negra, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade, animalidade, ignorância, preguiça, sujeira, caos etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo. Então, frisa Kilomba (2019 p. 156) que nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, não porque eles são reais e estão inscritos fisicamente na superfície de nossas peles, mas porque o racismo existe, e ele é discursivo e não biológico.

Consoante Kilomba (2019, p. 157), esse fenômeno é experimentado como um choque, privando alguém de sua própria ligação com a sociedade. Esse choque violento

é o primeiro elemento do trauma. Ao ouvir a palavra “negro(a)”, a conexão dessa pessoa com a sociedade é abruptamente interrompida, pois ela está sendo lembrada de que, inconscientemente, essa sociedade é pensada como branca. Nesse sentido, no momento em que uma pessoa é chamada de negra, ela está sendo colocada em uma cena colonial, pois o termo reafirma uma relação entre brancos/as e negros/as que está enraizada em uma dicotomia entre senhor e escravizado. Nesse sentido, “toda a performance do racismo cotidiano pode ser vista como uma reatualização da história” (Kilomba, 2019, p. 158):

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado (Kilomba, 2019, p. 158).

Conforme Heleine F. de Souza (2020, p. 42), as mulheres negras têm suas trajetórias determinadas pela interação de opressões, envolvendo as categorias de gênero, raça e classe, que impõem barreiras sociais significativas, invisibilizando-as. Assim, a tese da natureza interligada da opressão vem sendo elaborada desde o século XIX pelas feministas negras, que seriam as primeiras a perceber que minimizar uma forma de opressão, apesar de essencial, ainda pode deixá-las oprimidas de outras formas igualmente desumanizadoras.

De acordo com os estudos de Patrícia Hill Collins, Souza (2020, p. 42) enfatiza que as mulheres negras sofrem do inter cruzamento de opressões advindas do acúmulo de diferentes categorizações dicotômicas que definem identidades diferentes, opostas e desiguais. A esta sobreposição de lugares de exclusão dá-se o nome de interseccionalidade. Consoante Souza (2020, p. 44), trata-se de uma lógica que coloca as mulheres negras em uma lacuna ilegível, guiando muito do funcionamento de movimentos sociais, como aponta Kimberlé Crenshaw: “Uma das dificuldades é que, mesmo dentro dos movimentos feministas e antirracistas, raça e gênero são vistos como problemas mutuamente exclusivos” (Crenshaw, 2002, p. 14). Desse modo, se o assunto é gênero, não se fala de raça, se o assunto é raça, não se fala de gênero. Isso contribui para a manutenção do racismo no Movimento Feminista e do machismo no

Movimento Negro. Conforme Souza (2020, p. 45), diagnóstico semelhante é feito por Sueli Carneiro:

Os esforços organizativos das mulheres negras decorrem da insuficiência com que a especificidade da mulher negra é tratada tanto no Movimento Feminista quanto no Movimento Negro, posto que não está estruturalmente integrada nas concepções e práticas políticas destes dois movimentos sociais a perspectiva que há sempre uma dimensão racial na questão de gênero, e uma dimensão de gênero na problemática étnico-racial (Carneiro, 2018, p. 170).

Diante desse quadro, Conceição Evaristo apresenta uma contrafala ao discurso do poder, fundamentando seu projeto literário – a escrevivência – em uma base na qual se cruzam e dialogam uma perspectiva feminina e uma afrodescendente. Logo, a poesia lírica de Evaristo contraria a ideia da afasia relacionada à mulher negra, argumento associado ao pensamento da feminista afro-americana bell hooks (1995) que, em seu artigo “Intelectuais Negras”, aborda a insistência cultural em promulgar a imagem da mulher negra relacionada, em função da estereotipação, à ama de leite, ou seja, com aptidão ao trabalho doméstico e inapta ao trabalho intelectual: “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (hooks, 1995, p.468). Então, a mulher negra é comumente compreendida como sujeito de capacidade inata para cuidar e servir, estando dissociada da ideia de sujeito com consciência autorrepresentativa.

Tendo em vista esse cenário, a escrita literária de Conceição Evaristo parte e situa-se em experiência(s) proveniente(s) das circunstâncias das mulheres negras na sociedade brasileira. Logo, sua poesia (que também é fruto de sua escrevivência) parte de uma autoria negra, feminina e pobre.

Desse modo, no âmbito teórico-crítico e metodológico, faz-se preciso uma incursão por sua lírica mediada por conceitos como gênero, raça, classe, interseccionalidade e lugar de fala, uma vez que eles nos ajudam a refletir criticamente sobre a potência de seus poemas ao representar a população negra em geral e as mulheres negras em particular.

Do poema “Vozes-Mulheres”: Qual é a cor dessas vozes?

Segundo Duarte (2006), em 1980, Conceição Evaristo toma conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série Cadernos

Negros. Esse é um momento de efervescência dos movimentos sociais pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras. Em 1990, o número 13 dos Cadernos Negros publica "Vozes-mulheres" de Evaristo, poema que até hoje figura como uma espécie de manifesto-síntese da poética dessa escritora:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Evaristo, 2017, p. 24).

O título no plural desse poema, "Vozes-Mulheres", remete-nos à ideia de representatividade das mulheres mediante o uso de sua voz, o que nos faz lembrar que o silenciamento e o apagamento dessas vozes sempre imperou ao longo da história brasileira. Assim, esse título evoca um elemento muito importante da literatura de

Evaristo: a afirmação e exaltação da voz (geralmente, silenciada em nossa sociedade) das mulheres, sobretudo das mulheres negras.

Nos cinco primeiros versos desse poema: “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio. / ecoou lamentos / de uma infância perdida.”, há uma alusão direta ao passado do eu-lírico, no qual sua bisavó ecoou lamentos de uma infância perdida nos porões de um navio. Aqui, podemos inferir que sua bisavó foi uma negra escravizada, que veio da África em um navio português. A dizer, nesse poema de Evaristo, o eu-lírico começa recordando a voz de sua bisavó que, por ter perdido a infância devido à escravização, ecoou lamentos nos porões de um navio negroiro.

Na segunda estrofe de “Vozes-Mulheres”: “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo”, vemos que a avó do eu-lírico (assim como sua bisavó) também foi uma mulher negra escravizada pelos brancos portugueses. Destacamos aqui a palavra obediência e a expressão “brancos-donos de tudo”, pois precisamos ter em mente que a aludida obediência, muito provavelmente, é resultante da violência imposta pelos europeus, que são justamente os “brancos-donos de tudo”, aludindo ironicamente à ideologia nefasta que sustentou o processo colonizador no Brasil e na América Latina.

Na terceira estrofe desse poema, o eu lírico aborda a voz de sua mãe, voz esta que já não é tão obediente quanto a voz da avó, pois: “ecoou baixinho revolta”. No entanto, vemos que a voz dessa mãe já não está mais na senzala e sim: “no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos”, mostrando que a exploração dessas mulheres vai se reconfigurando no decorrer do tempo, de acordo com as mudanças da vida social. Os dois últimos versos confirmam o destino para onde se locomoveram os(as) escravizados(as) após a abolição formal da escravatura: “pelo caminho empoeirado / rumo à favela”.

Até aqui, vemos claramente que o poema “Vozes-Mulheres” aborda diretamente a escravização dos povos africanos trazidos nos navios negreiros pelos portugueses. Ora, o tema da memória presente na escrita de mulheres negras afrodescendentes é uma forma de propor uma revisão da história e contribuir para a afirmação da identidade afro-brasileira, já que, conforme afirma Sílvia Almeida (2018), a abolição formal da escravatura não significou, de fato, liberdade plena e igualdade para negros e negras ex-escravizados/as, haja vista que

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (Almeida, 2018, p. 43).

Em seguida, na quarta estrofe do poema “Vozes-Mulheres”, temos a voz do eu lírico que ainda: “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”. Aqui, entendemos que o eu lírico, nitidamente, ainda enfrenta as consequências tenebrosas do racismo resultante da escravização. É por conta desse árduo enfrentamento (e suas consequências dolorosas) que seus versos, prenhes de perplexidade, chegam a rimar sangue com fome.

Por fim, nas últimas duas estrofes, temos a voz da filha do eu-lírico que recolhe todas as vozes anteriores mais todas as vozes que sofrem e sofreram em meio a uma sociedade racista e patriarcal, a dizer, a voz de sua filha recolhe todas “as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas”. Assim, embora o poema não aponte explicitamente para a opressão decorrente do machismo e do capitalismo, sabemos que, em nossa história social, os fenômenos opressores (racismo, exploração econômica e machismo) estão conectados e se retroalimentam. Aliás, cabe aqui mencionar Angela Davis (2016), uma das mulheres mais proeminentes quanto aos estudos interseccionais e movimentos sociais que buscam combater as estruturas gerativas das assimetrias de gênero, raça e classe, em todas as suas formas.

Para Davis (2016), ao abordar o racismo (suas causas e consequências), faz-se preciso considerar o machismo e a exploração econômica característica do capitalismo como fenômenos correlacionados, ou seja, como os três fenômenos estão conectados, uma abordagem mais qualificada deve levar em conta a interseccionalidade que os envolve. Nesse sentido, o livro de Davis (2016), chamado Mulheres, raça e classe, reúne ensaios que tentam fundamentar as origens das lutas feministas e antirracistas em bases materialistas e dialéticas, colocando em evidência os modos pelos quais as opressões entrelaçadas de gênero, raça, e classe incidem sobre a subjetividade e o corpo das mulheres negras.

Retornando ao poema, vemos que a última voz (a da filha do eu-lírico) recolhe em si “a fala e o ato”, demonstrando mais protagonismo nas lutas contra as opressões supracitadas. Recolhe ainda “O ontem – o hoje – o agora”, apontando para a construção e acúmulo de um conhecimento histórico sobre aquelas lutas. Desse modo, não

obstante a permanência e quiçá o fortalecimento de muitas opressões, o eu lírico mostra que a voz de sua filha está mais preparada para o necessário combate, vociferando que “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade”.

Em suma, no poema “Vozes-Mulheres”, o eu lírico tematiza as opressões decorrentes do racismo, da escravização, da diáspora africana e demais violências sofridas pelas mulheres negras de sua família. São versos que ressaltam o papel dinâmico das mulheres negras, que emergem detentoras das memórias coletivas de seu povo. São versos que tematizam as opressões sofridas por todas as mulheres negras do Brasil. Entendemos também que essas opressões continuam existindo, pois possuem a capacidade de se reconfigurar, de geração a geração, no sentido de se adaptarem às novas configurações sócio-históricas. Portanto, conforme Eduardo de Assis Duarte (2007), o poema “Vozes-Mulheres” pode ser visto como uma espécie de manifesto-síntese da poética de Conceição Evaristo:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão. (Duarte, 2007, p. 25).

Análise do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”

No poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, publicado originalmente nos Cadernos Negros 19 em 1996, há um processo contínuo de reconstrução identitária que fortalece a voz poética em sua exaltação à força e resistência das mulheres negras afrodescendentes:

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso

de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas-luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada hora que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência
(Evaristo, 1996, p. 26).

Primeiramente, cumpre lembrar a dedicatória desse poema a Beatriz Nascimento (Aracaju, 1942 – Rio de Janeiro, 1995), que foi uma intelectual, militante e ativista pelos direitos humanos de afrodescendentes brasileiros, tornando-se uma referência nacional nos estudos sobre relações étnico-raciais. Tal dedicatória revela uns dos aspectos recorrentes da poesia de Evaristo, qual seja, uma postura eticamente comprometida com as lutas e as resistências dos negros afrodescendentes do Brasil.

Como vemos, todo o poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” consiste em uma exaltação à força e resistência das mulheres negras brasileiras. Inicialmente, destacamos a repetição significativa dos versos: “A noite não adormece / nos olhos das mulheres”, que pode significar, no mínimo, dois fatos importantes: 1) na sociedade brasileira, não há descanso para as lutas das mulheres negras, 2) como estão sempre em luta, essas mulheres são verdadeiras guerreiras que merecem nossa exaltação.

Na primeira estrofe desse poema, o eu-lírico revela que a lua fêmea, sua semelhante, vigia atentamente a nossa memória, indicando a importância do passado histórico de lutas das negras afrodescendentes no Brasil, passado este que raramente é levado em conta por uma parcela significativa de nossa sociedade (governantes, artistas, mídia em geral, etc.) Na segunda estrofe, ratifica-se a exaustão causada por essa vigília, pois “há mais olhos que sono” / onde lágrimas suspensas / virgulam o lapso / de nossas molhadas lembranças”. Aqui, essa condição indica que as lembranças e as memórias desse passado de luta, embora não devam ser apagadas porque necessárias

para orientar nosso agir no presente e futuro, podem causar algum sofrimento que resultaria em choro e lágrimas.

Na terceira estrofe do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, aponta-se para um alívio nas lutas dessas mulheres negras afrodescendentes, causado pela possibilidade de elas se tornarem mães: “vaginas abertas / retêm e expulsam a vida”, alívio este que é fortalecido pela aproximação com figuras da cultura africana (Ainás, Nzingas, Ngambeles), visto que estas afastam dos sofrimentos decorrentes daquelas lutas: “nossos cálices de lágrimas”.

Na última estrofe do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, sintetizam-se a luta e a força das mulheres negras afrodescendentes do Brasil, lembrando que seu sangue (líquido lembradiço) é permeado de garra e bravura nas lutas atinentes ao universo feminino (com vitórias e derrotas), haja vista que: “em cada hora que jorra / um fio invisível e tônico / pacientemente cose a rede / de nossa milenar resistência”. Por conseguinte, vemos que todo esse poema de Evaristo, sobretudo o último verso, frisa e enaltece a milenar resistência das mulheres negras afrodescendentes em nossa sociedade.

Considerações Finais

A trajetória da poesia de Conceição Evaristo nos permite uma aventura por um universo lírico marcado pela resistência feminina em relação à submissão, seja ela relacionada às dinâmicas do poder na seara do gênero, seja relacionada ao pertencimento étnico-racial.

Desse modo, tendo em vista que a escrevivência de Evaristo parte de uma autoria negra, feminina e pobre, vislumbramos a possibilidade de uma incursão pelo feminismo negro e por conceitos como gênero, raça, classe, interseccionalidade e lugar de fala, uma vez que eles ajudam a refletir criticamente sobre seus poemas e sua potência ao representar a população negra em geral e as mulheres negras em particular.

Vemos que, para mulheres como Conceição Evaristo, escrever é “ultrapassar” uma percepção única da vida, é construir outros mundos possíveis, por vezes, necessariamente utópicos. Por conseguinte, nos poemas aqui abordados, as vozes das mulheres são negras e, agora, em consequência de muita luta e resistência, correm o risco de serem ouvidas. Em suma, são vozes que se referem tanto à autoria das

mulheres negras contemporâneas quanto às vozes ancestrais silenciadas por séculos de exclusão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio de. *O que é o racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. *Estudos Feministas*, 19(1): p. 283-300, janeiro-abril/2011.
- ARRUDA, Aline A. Corpo e erotismo no conto de Olhos D'água. In. DUARTE, Constância Lima et al (Orgs.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. – 2 ed. – Belo Horizonte: Idea, 2018.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 8 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 163-227.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Ano 10 (1), p.171-188, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 17-A, dez. p. 6-18, 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In. ALEXANDRE, Marco Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, 14(1). p. 305-323, janeiro-abril/2006.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: QUILOMBHOJE (org.). *Cadernos negros 19*. São Paulo: Quilombhoje, p. 26, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*. v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução de De Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- REIS, Mírian Sumica Carneiro & OLIVEIRA, Adriele de Jesus. Palavras de mulheres negras: uma proposta de leitura de Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo. *Revista*

Investigações, v. 34, n. 1, p. 1 - 12, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>

SOUZA, Heleine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.